

KA' AKA, O PAI DA GUERRA E A MORTE DO ÚLTIMO KUMATUNGA: ECOLOGIA E MITO NA SERRA NEVADA DE SANTA MARTA

Luis Alfonso Fajardo

A permanente crise do elemento estrutural do capitalismo e do seu filho bastardo, o neoliberalismo, põe em causa a racionalidade ocidental. Assim, encontrar novas formas de racionalidade, cujas relações com o meio serão mais solidárias, justas e libertárias, é uma tarefa única da Ecologia social.

Por exemplo, a luta que desde há mais de quatro anos o povo U'wa trava para manter o controle do seu território e a autodeterminação da sua vida, deve ser adjudicada ao contexto da luta que os povos indígenas travam em todo o mundo para buscar alternativas ao sinistro desenvolvimento capitalista. As coincidências entre as práticas diárias dos U'wa com as teorias de Murray Bookchin permitem-nos evidenciar uma nova consciência: "o desenvolvimento refere-se a pessoas e não objectos".

Para pensar formas próprias de desenvolvimento é necessário ter em conta os objectivos do desenvolvimento a "escala humana" proposto por Max-Neef que foram levados à prática pelo povo U'wa, mesmo sem ter lido Max-Neef ou Bookchin.

Satisfazer as necessidades humanas, apoiando-se numa base sólida. Esta base constroi-se a partir do protagonismo real das pessoas, como consequência directa de se privilegiar tanto a autonomia como a diversidade de espaços. Conseguir a transformação da pessoa-objecto em pessoa-sujeito é, entre outras coisas, um problema de escala, já que não há protagonismo possível em sistemas gigantescos, organizados hierarquicamente desde cima abaixo.

O desenvolvimento de escala humana aponta para um necessário aprofundamento democrático. Ao facilitar uma prática democrática mais directa e participativa o desenvolvimento de escala humana pode contribuir a reverter o papel tradicionalmente autoritário do estado, estimulando soluções criativas que emanem de baixo para cima e da periferia para o centro, mostrando-se assim mais congruente com as aspirações reais das pessoas e dos povos. Só assim o Estado deixará de ser necessário.

Os interesses da indústria petrolífera estão a chegar ao ponto de fazer desaparecer povos em todo o mundo. Os U'wa são só um exemplo; trata-se de uma

comunidade de cinco mil pessoas no Noroeste da Colúmbia que ameaçou com suicídio colectivo caso a multinacional estadunidense "Occidental Petroleum" violasse a integridade do seu território para realizar extracções sem o seu consentimento. Isto porque os mais velhos sabem que a mãe-terra é sagrada e o petróleo é o sangue que dá vida, alimentando as lagoas e regulando os tremores de terra.

Vê-se aqui um novo desafio à Ecologia social, pois não se trata já de lutar contra as consequências sinistras do desenvolvimento capitalista, mas de colocar opções diferentes de desenvolvimento, respeitadoras de culturas ancestrais e diferenciadas. Deste modo, a luta pela defesa dos direitos do povo U'wa e de todos os povos indígenas é também a construção de formas alternativas de desenvolvimento, quer dizer, uma ecologia para a vida e para as pessoas.

A Ecologia social pouco tem avançado no conhecimento dos conteúdos ecológicos dos mitos e das lendas indígenas. Os saberes míticos são em muitos casos uma manifestação do respeito pleno e do equilíbrio com o meio e o mito dá uma resposta viva, dinâmica e actual aos desequilíbrios. No mito esconde-se desde há milénios uma nova forma de conceber o mundo.

Durante mais de quatro anos acompanhámos ao povo indígena Wiwa, o povo mais esquecido e pobre dos quatro povos indígenas que vivem na Serra Nevada de Santa Marta, ao Norte da Colômbia. Os "Cantos Ecológicos" que se seguem recolhem parte da história deste nobíssimo povo, suas relações com a Morte, com KAA'AKA, o senhor da Guerra e a sua luta permanente na defesa dos seus direitos, pela qual caíram assassinados nos últimos cinco anos dez dos seus chefes.

CANTO PRIMEIRO: "Vimos da Nevada com Vozes de Resistência"

Hoje a Serra Nevada de Santa Marta está de novo enlutada, a sombra da morte continua enchendo de desolação e tristeza o coração dos filhos de *Abu Siukuku*. Não acabámos ainda de recuperar do assassinato (pelo ELP) de Victor Julian Mojica, secretário-geral da Organização Wiwa Yugumaiun Bunkuanarrua Tairona [OWYBT], em 6 de Agosto de 1994, quando nos chega a notícia do assassinato do "Cabildo Gobernador" (figura criada no início do século e que é hoje representativa da autonomia indígena). A morte na Serra Nevada colombiana tem vários rostos: paramilitares (mais

de sessenta grupos, segundo as ONG's), exército, guerrilha (ELN, FARC e EPL), delinquência, narcotráfico. Em menos de cinco anos, foram assassinados mais de vinte e cinco indígenas Wiwa, a que é preciso somar os assassinatos dos membros de outros povos vizinhos irmãos.

Leonardo Andrés Gil Sauna, nascido em terras Kogui ("homens das terras frias"). Quando os Wiwa (esta palavra significa em idioma Dumana "homens das terras temperadas") foram perseguidos e dizimados, acabaram por ser acolhidos pelos seus irmãos Kogui. Eram os tempos da "Bonanza Marimbera", em que pistoleiros e delinquentes de todo o tipo recorriam à Serra Nevada para cultivarem marijuana. Como os indígenas se recusassem a vender ou a alugarem as suas terras, a respostas dos traficantes foi violenta, declarando guerra ao povo Wiwa. Os lugares sagrados deste povo foram queimados. Marokaso, sítio cerimonial, foi vítima de três incêndios e três vezes reconstruído. A diáspora dos Wiwa durou toda a década de oitenta. Os "Mamos" ou sábios tradicionais das tribos, com valor xamanístico, refugiaram-se nos picos da Serra Nevada, ali onde o ódio do homem branco não chegue. O pai de Leonardo, Rumaldo Gil, era um Mamo ou médico tradicional e mostrou ao seu filho o orgulho de ser indígena. A mãe, Ramonita, ensinou-lhe a linguagem do vento e das fontes.

CANTO SEGUNDO: "Estamos aqui hoje, já que Os que ontem aqui Estiveram não Deixaram de Ser"

Durante a sua juventude, Leonardo regressou à Nevada. Aprendeu os idiomas dos outros povos indígenas: o ika falado pelos Arhuacos (o mais reivindicativo dos quatro povos que habitam a Serra Nevada colombiana), o Kaggaba idioma dos Kogui, e o castelhano. Também as mulheres que o acompanharam são um exemplo da sua vocação multi-étnica (entre os Wiwa a separação ocorre a pedido de um conjugue; os bens do casal quando há filhos ficam com a mãe). A sua primeira esposa, Wiwa; a segunda, Kogui; a terceira, Elvia, sua companheira no momento em que o assassinaram, Arhuaca. Deste modo, os seus filhos compartilharam diferentes culturas, aprendendo a respeitar a diferença do outro.

Nos anos oitenta chegou à Nevada o Instituto Linguístico de Verão (ILV). O "gringo Roberto", como era conhecido, fez chegar os seus colaboradores, que foram

ensinando a Bíblia e aprendendo os diversos idiomas indígenas da Serra. Viram em Leonardo uma ajuda e recrutaram-no para a Igreja de Cristo. Deste modo viajou para a América Central, onde conheceu indígenas de todo o continente. Com eles compreendeu que o sofrimento e o esquecimento não diziam apenas respeito ao povo Wiwa. Mas o ILV não aprendeu apenas os idiomas nativos: proibiu também as práticas e as cerimónias tradicionais (incluindo o "Poporiar", que consiste em mastigar ritualisticamente folhas de coca) e relegou para segundo plano a autoridade do Mamo. Ademais, começaram a realizar excavações com máquinas aperfeiçoadas. Pouco tempo depois, soube-se que o ILV era uma instituição que se encarregava, entre outras coisas, de procurar os chamados "minerais estratégicos", tão bem pagos pela indústria nuclear, em especial pelo ramo militar.

Os ensinamentos do ILV não deixaram marca em Leonardo ou em membros da sua família. Pelo contrário, foram Leonardo e a sua família que decisivamente impulsionaram o resurgir Wiwa. O "gringo" decidiu abandonar a região quando os indígenas lhe pediram contas da sua tarefa, não se prestando mais às suas indagações. Os ruídos dos helicópteros não se voltaram a ouvir depois da sua partida.

Os Wiwa viram como a Serra se estava enchendo de homens armados. Antes disso, tinham já tido uma péssima experiência com os primeiros grupos de guaqueros que de carabina em punho tinham obrigado os Mamos a revelarem os locais dos seus antigos cemitérios. Também os comerciantes Atanqueros (população mestiça) chegaram e com eles os diferentes grupos de guerrilheiros, os bandos de traficantes (a Serra colombiana é ponto de grande importância estratégica), os grupos paramilitares e o exército. A família Gil sofreu várias mortes iníquas, quando um grupo de homens armados tentou violar uma das filhas do Mamo Rumualdo, isto há mais de dez anos. Um dos irmãos de Leonardo foi assassinado e os demais membros da família foram obrigados a deixar as suas terras, perseguidos e torturados, mesmo que nunca tenham abandonado o coração do mundo, a Serra Nevada de Santa Marta.

CANTO TERCEIRO: "As Organizações há que Tecê-las como as Cestos, Fortes e Unidas"

Quando a Organização Nacional Indígena da Colômbia (ONIC) encontrou níveis de coordenação entre as comunidades, as diferentes instituições de Estado haviam implementado oficinas de formação de líderes, com o fim de encontrar interlocutores que lhes permitisse dar continuidade aos seus programas e projectos administrativos (caso dos "Abrigos Indígenas", impulsionado pelos locais e que encontrou grande apoio em alguns funcionários). José del Rosario Gil, irmão de Leonardo, começara desde há dez anos a organizar as comunidades locais. A ONIC encontrou terreno fácil para acompanhar o processo.

Desde os primeiros momentos contou-se com a força das comunidades e dos Mamos que deram o seu apoio à recém-nascida OWYBT (o nome foi escolhido pelos Mamos dos Wiwa e faz alusão ao começo do mundo e à complementaridade do masculino e do feminino). O primeiro "Cabildo Gobernador" foi eleito pelo Mamos e ratificado por uma Assembleia Geral em que participaram representantes das vinte e sete comunidades que constituem o povo Wiwa. Foi ele, Leonardo Andrés Gil Sauna. Durante quatro dias os Mamos discutiram os vários candidatos e no final decidiu-se que para além de Leonardo, o escolhido, todos os outros candidatos possuíam qualidades de sobra para também serem nomeados.

Nos primeiros meses da OWYBT assistiu-se a uma rivalidade entre os de "cabelo curto" e os de "cabelo comprido" (quer dizer, os que estavam mais próximos da administração central e os que estavam mais distantes). Leonardo costumava dizer nas Assembleias:

"Sempre o homem branco (Zuntalu) quis dividir os Wiwa entre tradicionais e não-tradicionais; sempre semeou a semente da discórdia. No começo enganaram-nos, os de cabelo comprido começámos a encarar mal os de cabelo curtado e já não nos falávamos. Éramos como MAKLAWA, a formigas negras que vivem pelejando entre elas. Todavia os Mamos deram bons conselhos ao povo Wiwa. Entretanto o homem branco ia-nos tirando terras. Hoje é tempo de recuperar o Trabalho Comunitário (ZHINGUNESHY), pois todos os Wiwa somos um só. Devemos ser fortes como Aleika, a pedra. Foram estes os conselhos dos Mamos e assim vos aconselho eu. A OWYBT representa a unidade do povo Wiwa."

Esta diferença entre curto e comprido era explorada para negar direitos a algumas comunidades Wiwa que devido à aculturação já não usavam traje tradicional

nem cabelo comprido. Assim era-lhes dito: —Os senhores não podem beneficiar deste programa porque já não são indígenas. Esta foi a frase mais ouvida da boca dos funcionários (e até de antropólogos) das instituições que viam na unidade do povo Wiwa uma nova etapa das suas reclamações. Apesar de tudo, a OWYBT resolveu na acção esta aparente diferenciação. A unidade na diversidade tornou a manifestar-se nas relações da organização indígena.

CANTO CUARTO: "A Alegria é um Bem Ecológico Escasso"

A alegria contagiosa de Leonardo enchia de boa-disposição as assembleias. O trabalho desenvolvia-se num clima de generosidade onde todos nos esforçávamos por dar o melhor de nós próprios. O tempo era ocupado com piadas, café e muita confiança. Quando Leonardo falava em castelhano era tímido, mas logo que se punha a falar em Dumana, a sua língua tradicional, discursava durante horas sobre o orgulho de ser Wiwa. E se de repente alguém adormecia ou visivelmente se distraía, ele contava-lhe a lenda de "Isakubi", a borboleta:

"Nos tempos vetustos, quando Ade Sianamong e Abu Siukukui criaram o mundo e deixaram como herança a linha negra (esta linha é herança tradicional dos quatro povos da Serra Nevada), reuniram-se todas as pessoas e os pais do mundo deram como conselho que todos tivéssemos a nossa Shuama ou mandato para realizar. Mesmo assim, Isakubi, que era muito distraída, pôs-se a pensar noutras cousas. Quando a reunião terminou e todos partiram para cumprir as suas tarefas, Isakubi começou a ficar preocupada e fez perguntas a toda a gente mas ninguém lhe soube dizer o que ela devia fazer. Então Abu e Ade, os pais do mundo, disseram-lhe que a sua Shuma estava guardada numa flor e que devia procurar esta flor para conhecer o seu destino e as suas tarefas. Desde então Isakubi vem interrogando todas as flores."

Deste modo, o povo Wiwa assume o seu dia a dia ecológico, a integração total do homem na natureza, que é vista como fonte de sabedoria e de conselhos sempre oportunos que às vezes não sabemos entender.

CANTO QUINTO: "Nascido para ser Kumatunga"

Quando em 1993 a OWYBT decidiu chegar à derradeira das vinte e sete comunidades que dão forma ao povo Wiwa descobrimos com surpresa que este objectivo já fora realizado por Leonardo. Ele conhecia o lugar dos "pagamentos" (rituais de fecundidade), explicava o seu sentido e via nele a melhor modo de sentir que a Serra estava viva. O seu pai, Rumualdo, Mamo maior do povo Wiwa depositara em Leonardo todo o seu conhecimento e o rapaz foi educado para ser um Kumatunga. Os Mamos contaram-me o seguinte:

"Quando o povo Wiwa era atacado por outros povos, os pais de Origem aconselhavam os Mamos no sentido destes conseguirem adivinhar quem seria a pessoa capaz de defender a Comunidade. Os Mamos esperavam sinais e escolhiam entre os bebés aquele que seria o Kumatunga, cuja Shuama era vigiar o território tradicional "A Linha Negra". Esta criança era educada como Moro ou como Mamo, quer dizer que só podia consumir certos alimentos (Seso, Ibulu, Dumuronza, Chucui, Usinngera, Dushkuku, etc.), sem sal; passava muitas horas do dia na montanha aprendendo com os Mamos a ciência oculta, decifrando as mensagens de Nixala, a chuva, ou de Sekukui, o sol negro (na mitologia Wiwa o mundo começou por ser alumiado por um sol negro); percorrendo as grandes lagoas sagradas (que não podem ser visitadas sem autorização dos Mamos) uma a uma, em número de nove. Nesta região, onde vivem os Pais das águas, os Mamos entregavam o Kaluka ou bastão do poder."

A lei é aqui o som da natureza e o mito desempenha um papel vital no contexto das relações ecológicas. A política é para o povo Wiwa uma manifestação da natureza; a política e a ecologia enamoram-se no espaço do mito.

A OWYBT mantém formas de organização tradicional. O Conselho é composto por Mamos e é confirmado pela Assembleia que conta com a presença de represantes das vinte e sete comunidades que constituem o povo Wiwa.

Neste sentido, Leonardo Andrés Gil Sauna veio a ser o último Kamatunga. O carinho especial e a dedicação com que ele realizava as suas tarefas, sempre cordial e educado, era por vezes criticado por ser demasiado brando ou condescendente. Leonardo respondia então: —Não se pode pedir respeito para as comunidades, sem que estas se mostrem respeituosas e não se pode pedir às comunidades que respeitem os

outros sem eu próprio, como "Cabildo Governador" dar exemplo de educação e respeito."

Nos percursos que realizámos na Serra Nevada a sua presença era suficiente para inspirar confiança e respeito: os velhos quando o viam chegar voltavam a falar em Dumana e os jovens mostravam por ele muita curiosidade. Leonardo inspirava esse respeito pelas tradições, por vezes muito castigadas pelo processo de aculturação, e divulgava o orgulho de ser indígena, de ser Wiwa. A tal ponto isto era assim que muitos grupos começaram a reaprendizagem do Dumana e a recuperação dos antigos lugares ritualísticos. Leonardo esteve sempre acompanhado pelos outros membros da mesa directiva da OWYBT —Vitor, Ruben, Antolino, Julian, Rafael e Javier.

CANTO SEXTO: "Chegam as Colheitas, Semearemos Esperanças"

O Mamo da comunidade de Rio Barcino, depois de padecer uma epidemia (de tuberculose e diarreia, ano de 1994) que quase dava cabo de todos os habitantes indígenas, costumava dizer: — Enquanto existir um único Wiwa que fale o seu idioma e respeite as tradições, ainda haverá esperanças para o mundo. Grandes percursos no longo de um burro ou a pé levaram à descoberta de uma auto-identidade, que se ocultava por trás de cada gesto. Os tempos de esquecimento e de vergonha chegavam ao fim. Com mais interesse que nunca escutavam-se os instrumentos musicais tão zelosamente guardados durante gerações: a Dusha, concha de um caracol gigante; a Kuiguna, carapaça do Morocoi, uma tartaruga que habitava na região; o Uwatuku, espécie de flauta que se fabrica com canas; a Tana e o Nuzubula. As melodias enchiam de alegria as noites da Serra. Jovens, velhos, homens e mulheres davam as mãos para formarem uma roda. As canções que louvavam as virtudes e os defeitos dos animais e das plantas, falavam do tempo em que os Wiwa eram perseguidos pelos frades Capuchinhos que os proibiam de falar Dumana e usar os traje tradicional. O renascer do povo Wiwa aconteceu ao ritmo da música de baile e com o Chirinche (licor produzido em alambiques artesanais, que teve no momento da chegada do homem branco efeitos muito negativos na população indígena). Leonardo não bebia álcool e aconselhava aos que o bebiam que o consumissem em pequenas quantidades e sempre no fim das

Assembleias, nunca antes. Dizia ele: — O Chirinche foi deixado pelos pais de origem para nos dar um pouco de alegria, mas também pode produzir tristezas e tragédias, tornando os homens loucos como cabras." Depois de esgotantes horas em Assembleias nada nos dava tanto prazer como escutar a música que saía da Kankurua (sítio cerimonial dos Mamos) e era o sinal de descanso. Reuniamo-nos então em volta do fogo para escutar a música que nos transportava.

Leonardo cantava em Dumana e o ambiente era amistoso. Uma organização não se constrói só a partir do nível político, precisa também dos afectos que se exprimem pelos sorrisos e pela boa-disposição. Leonardo aproveitou sempre os momentos de descanso para nos contar os conselhos dos Mamos:

"Os Mamos hoje estão contentes. Vieram dar conta do nosso Ayo (folha de coca que serve para poporiar). Isto tem grande significado para os Wiwa, desde que Nujkalo, o pequeno colibri, roubou dos lábios das quatro filhas de Kake Dualegana o Ayo e o repartiu por toda a Serra Nevada em sinal de amizade, carinho e solidariedade. Quando nos sentamos a Poporiar todos os nossos pensamentos se juntam e se abraçam; o nosso mau-humor desaparece e dá lugar à alegria. Assim devemos recuperar todas as nossas tradições para que os Pais da Origem estejam contentes e o povo Wiwa não desapareça."

Ecologia que se oriente para a solidariedade e para o respeito é a ecologia social. Os Wiwa levaram-na à prática e por isso os devemos escutar.

CANTO SÉTIMO: "Sentir o Palpitar do Coração do Mundo"

Uma manhã de Abril, depois de duas horas de caminho, ficou muito silencioso escutando o vento e disse-me: —"Chegámos a Bunkuanarrua, o coração do mundo." Deu-me instruções para colocar o ouvido na terra e escutar o seu latido, "porque mesmo que Zuntalu não o creia, o mundo é uma pessoa e está vivo". Fiz o que me pediu, mas não ouvi nada. Fechei os olhos e pouco a pouco percebi como do fundo da terra saía um som que parecia elevar-se da crosta do solo. Aí estavam os latidos da

terra. Olhei Leonardo nos olhos e ele sorriu, sem nada dizer. A partir desse momento o meu coração começou a bater com o mesmo ritmo do coração do mundo, que está ali, na Serra Nevada.

A preocupação permanente dos Mamos pelas florestas e pelos rios fazia-se sentir nos Conselhos que ofereciam à comunidade: —O coração da Serra Nevada está enfermo. O remédio está em realizar os "pagamentos", recuperar os territórios tradicionais da linha negra. Os nossos territórios sagrados estão em poder do Zuntalu, com os túmulos dos nossos antigos a saque. Por isso, a primeira luta da OWYBT é pela terra, não por qualquer terra, mas por aquela que os nossos Pais deixaram em herança aos quatro povos da Serra Nevada.

O povo Wiwa esteve várias vezes em perigo de desaparecer, sobretudo durante a "Bonanza Marimbera", em que quase todos acreditaram no fim deste povo. De qualquer modo, os Pais da Origem enviaram Saga Ramonita para reensinar a tradição. Nas lendas e nos mitos Wiwa a mulher sempre teve um papel especial e ao ouvir as histórias de Saga Ramonita compreendemos porquê.

Quando se deu a perseguição, os sábios e Mamos Wiwa esconderam-se nas povoações indígenas Kogui e foi a partir daí que começou o caminho da Renascença Wiwa, preparando os jovens para serem Mamos. Este trabalho pertenceu sobretudo a Saga Ramonita, mestra dos mais destacados e sábios Mamos que hoje os Wiwa têm. As muitas lendas e relatos que existem sobre a sua vida e virtudes são realmente surpreendentes. Não foi por acaso que Leonardo foi um grande conhecedor da ciência oculta dos Wiwa; saga Ramonita era sua avó. Ele contou-nos o modo como aprendeu a ser Wiwa:

"Quando éramos pequenos, ela sentáva-nos ao pé do fogo e faláva-nos dos Pais de origem, dos sítios de pagamento, contando-nos a história de todos os animais e dos lugares onde viviam os pais de cada coisa que existia no mundo. Aconselhava-nos que não fizéssemos mal aos outros. Ela falava com os mortos e eles contavam-lhe o que ia acontecer. Quando era tragédia, convidava-nos ao "pagamento" para se afastar o mal.

A educação praticada nestes momentos pela OWIBT tem todos os requisitos necessários para a recuperação dos espaços de socialização como a Kankurua, a oficina, a comunidade e a horta (sobre o assunto cf. *Educación WIWA, por el Futuro, Buscando Caminos Hacia la Tradicion*, Onic. Bogota, Colômbia, 1993).

CANTO OITAVO: "A Terra é Mulher; A Mulher é Futuro e Cultura"

Leonardo tinha hábito de contar uma história emgraçada sobre Saga Ramonita:

"Certa vez começou a desaparecer gado e todos se acusavam. Então uma noite, Saga Ramonita decidiu velar para ver o que se passava. Logo ouviu ruídos e se escondeu por detrás de um muro. Deparou então com Duma Anzini (puma) e Dumaga Bunkuizhi (jaguar). Saga Ramonita acercou-se dos restos de uma fogueira e soprou o fumo na direcção dos dois ladrões. Estes foram-se chegando pouco a pouco para ela e deitaram-se ao seu lado. Ela deu-lhes então como conselho que não roubassem gado. Todos os membros da comunidade se sentiram envergonhados por terem desconfiado uns dos outros."

CANTO NONO: "De onde vem Kaa'Ka, o Pai da Guerra?"

Quando nos demos conta do assassinato de Vítor Julian Mojica e de três outros três líderes, faz três anos, a OWYBT passou por um dos seus momentos mais difíceis. O medo tomou conta de nós e as Comunidades deixaram de enviar os seus representantes às assembleias. A mensagem de Leonardo não pôde ser mais eloquente e comovedora: — Todos temos uma grande tristeza pela morte dos nossos companheiros. Compartilhámos com eles momentos de alegria, de trabalho, de esperança e de sofrimento. Hoje muitos de nós queremos abandonar a OWYBT e esconder-nos. Eu também tenho medo. Não podemos contudo abandonar assim sem mais tudo o que era mais caro aos nossos companheiros. A mais sentida homenagem que lhe podemos prestar é continuar a sua luta. Só assim, no país de Aleka, onde os mortos vivem, eles poderão estar tranquilos. Temos de estar unidos como o fio de um cesto. Temos de continuar a tarefa de recuperar os territórios da Linha Negra. O Zuntalu há-de vir a perceber que estas terras são nossas.

Escrevendo estas palavras sinto raiva, essa raiva que produce a impotência e o medo. Sim, o medo de nos sentirmos derrotados pela violência, medo de perder a esperança, medo de deixar de sonhar com sociedades libertárias, medo de nos sentirmos sozinhos no mundo. Por que razão a morte quer retirar-nos o direito de

lutarmos pela dignidade perdida? A nossa causa, a causa da rebeldia alegre, quer ser justiça, quer voar por caminhos de resistência mágica. Era bom que cinco séculos de humilhação cheguem finalmente ao fim.

A OWYBT é uma organização jovem, mas caminha com segurança pela senda da Tradição. Leonardo, o último Kumatunga, deixou os seus conselhos em terra fértil. Continuaremos a lutar, reclamando-nos parte deste mundo., que nos negou durante séculos o direito a ser diferentes, o simples direito a ser. Continuaremos a combater a impunidade e a injustiça. A OWYBT resistirá a mais esta sinistra prova. A melhor homenagem que o teu povo te pode prestar é continuar a tua luta.

CANTO DÉCIMO: "A Paz, Reconstruindo o Futuro"

Contam os Mamos, que desde os tempos mais antigos existiram conflitos. Existem vários lugares na Serra Nevada de Santa Marta onde se fazem pagamentos ao "padre da guerra" para evitar que se gerem conflitos. Um sítio comum para os povos Kággaba, Ika, Kankuamo e Wiwa é Ugeka, cerro sagrado situado na fronteira da Linha Negra, no município cesarense de El Copey. Diz o Mamo Ambrosio Chimusquero: — En Ugeka encontram-se os filhos que não escutaram o conselho de Ade Siukukui e de Abu Sianiumang — que não se podia roubar, mentir, preguiçar.

Na tradição Wiwa também fazem a guerra aqueles que não escutaram conselho. Diz o Mamo Rumualdo Gil: — A mãe deu-se conta que ninguém a ouvia, então preparou-os para que a espingarda lhes de-se conselho.

Jaduka, a espingarda, não é um elemento próprio da tradição Wiwa. Está todavia integrada hoje na tradição oral e na mitologia, evidenciando o processo de transformação permanente. Interrogando os Mamos sobre a história de Jaduka damos com várias versões, uma das quais a seguinte:

" Wakabinka, o tigre, que também era Mamo, mas de mau génio. Por isso nunca o acompanhavam na busca de comida. Logo escutou um canto que dizia "pum, pum, pum". Wakabinka pensou que era Zhin-Zhirrin. A caça meteu-se entre uns arbustos e esperou. Outra vez ouviu: "pum, pum, pum". Então aproximou-se e viu Jaduka." (Mamo Ambrosio Chimusquero, Poço de fumo, 1996)

"É por esta razão, contam os Mamos, que cada vez que alguém vê aparecer a Wakabinka, lhe dá um tiro de escopeta e o mata. Os tigres estão a desaparecer na Serra Nevada e por isso há que fazer pagamento para que os Pais tratem de novo de Wakabinka. É preciso que ele não desapareça por causa da Jaduka." (Cabildo Governador, Leonardo Andrés Gil Sauna, El Rongoy, 1996).

O pai da guerra é Kaa'ka, ainda que sobre isto não haja consenso, já que segundo os relatos Kaa'ka parece pertencer mais à tradição Ika. Contudo, os Mamos de Avingue também falam dele como o Pai da Morte. "Kaa'ka vive no mundo dos mortos, que está debaixo deste mundo e tem muitos mensageiros que vêm anunciar a morte", diz o Mamo Romualdo Gil (El Rongoy, 1996). Kaa'ka era um Mamo que nunca escutou os conselhos dos Pais Originários, passando o dia a fazer mal aos seus irmãos. "Quando Ade e abu lhe davam conselhos, o seu pensamento estava sempre longe. Um dia Isakubi, a borboleta, roubou-lhe o pensamento e levou-o para longe, para Ugeka", continua o Mamo Romualdo Gil (id.).

Este sítio, para onde vão todos os que não sabem ouvir conselhos, prende-se com as histórias de Imun, o mensageiro que presta avisos sobre a morte aos Mamos e às autoridades tradicionais. Segundo os Wiwa, os seres que foram durante a vida bons têm hoje aspecto observável, enquanto os outros desapareceram. "Não podemos ver Kaa'ka, mas sentimo-lo. Ele vive em espírito e o Mamo escuta-o quando ele anuncia guerra e morte." (id.)

CANTO DÉCIMO PRIMEIRO: "ALI, EM UGEKA, ESTÁ NASCENDO A PAZ"

"Ugeka é um dos sítios de encontro dos *isanyina*, os mortos, para trazer problemas, levando maus pensamentos às pessoas, de modo a que estas pelejem com os seus irmãos", diz o Secretário-geral Vitor Julião Alberto Marokaso. Há na tradição Wiwa alguns animais que são geradores de conflitos e de guerras como *Dumaga Anzizi*, o puma, *Dumaga Bunkuizhi*, o jaguar, *Bosoli*, a águia e *Maklawá*, a formiga guerreira.

"Os pais deixaram Cabos para que estes dessem aviso das más intenções de Kaa'ka e dos demais espíritos guerreiros. O mais importante deles é *Shingali*, o pássaro", diz o Mamo Ambrosio Chimusquero (v. Poço de Fumo, 1996). Nas noites em

que não se ouve Shingali cantar, os Mamos ficam sabendo que se avizinham conflitos e que os espíritos maus estão reunidos.

A dinâmica do povo Wiwa é manter o equilíbrio ecológico entre o material e o espiritual. Assim se inventam mecanismos para evitar a guerra: "Os Mamos dos quatro povos da Serra Nevada —Wiwa, Kággaba, Ika e Kankuamo— chegavam a Ugeka para prestar um pagamento. Ali ficavam semanas trabalhando e não deixavam mais sair os *isanyia*", diz o Mamo Romualdo Gil (El Rongoy, 1996). Este contacto espiritual realizava-se cada vez que se sucediam mortes e guerras. De qualquer modo, o contexto mítico dos Wiwa começou a ser destruído com a chegada dos *sintalu*. Os sítios sagrados foram profanados e os Pais de Origem foram desalojados.

Estas formas de ecologia espiritual são um contributo das culturas locais à Ecologia Social; o espiritual é para os Wiwa um elemento que deve ser entendido em equilíbrio com a natureza. A morte e a vida são assumidas como um acidente necessário e previsível; havendo desequilíbrios é possível restaurar a harmonia mediante uma resposta mítica. Fazendo pagamentos, toda a Comunidade se integra na busca de soluções reais.

Nas cerimónias ao Pai da guerra são fundamentais as Shimanas ou cristais de quartzo que se oferecem aos Pais Originários em troca da Paz, dinâmica esta que no Ocidente se chamaria dar para receber. "O *sintalu* acaba com toda a natureza, com os animais, as árvores, a água e em troca que dá ele aos Pais antigos?", pergunta o Cabildo-governador Leonardo Andrés Gil Sauna (El Rongoy, 1995).

Em vários lugares da Ugeka, enterravam-se as *Shimana* do pagamento. Diz Leonardo: "Uma das causas das desgraças da Serra são os roubos que se fizeram ao Pai da guerra e ele está muito revoltado." Desde há mais de cinquenta anos que os roubos são ilegais, mas continuam. As autoridades conhecem os profanadores, mas mesmo assim e apesar da legislação existente nunca foi detida nenhuma pessoa.

Na continuidade da Bonanza Marimbera, vários grupos de pessoas armadas dedicaram-se a estes crimes, saqueando túmulos, santuários e casas cerimoniais, a ponto de a mundialmente famosa Cidade Perdida se encontrar perdida mas em mãos de saqueadores.

Cada *Shimana* tem uma função na tradição Wiwa. Diz o Mamo Romualdo Gil: "*Shimana* é a pedra sagrada dos Tayronas, cuja função é perpetuar a harmonia da

natureza. A pedra verde representa a vegetação; a pedra branca significa a água ou a chuva; a pedra vermelha o sangue; a pedra de cores brancas e vermelhas representa as veias e a pedra negra, a preferida do *sintalu*, é o símbolo do espírito. Esta última pedra é também usada na cerimónia dos mortos." (El Rongoy, 1996)

As pedras negras eram oferecidas como pagamento comunitário pelos Mamos dos quatro povos Wiwa, o que permitia manter a paz no universo cultural serrano. "Hoje o *sintalu* quer fazer a paz com novos *Jaduka* ou espingardas", diz o Secretário-geral Vitor Alberto, Marokaso, 1994)

CANTO DÉCIMO SEGUNDO: "NA LINHA NEGRA ESTÁ ESCRITO O NOSSO PASSADO—CAMINHAMOS O PRESENTE E SONHAMOS O FUTURO"

Diante ao conflito armado existente na Serra Nevada, o povo Wiwa com as raízes na tradição, avança propostas de paz, demonstrando assim que não são indígenas de Museu, mas uma cultura com capacidade de resposta aos problemas contemporâneos.

Desde os tempos dos Pais Originários, a Serra Nevada tem mantido uma dinâmica de diálogo fluido e permanente entre passado e presente, que lhe permite projectar-se no futuro. A apropriação cultural do território por parte dos Wiwa foi planeada pelos "Pais de tudo o que existe", mesmo que estes tenham deixado no seu plano um espaço de incerteza onde pudesse florescer a espontaneidade. A história do povo Wiwa está em cada pedra, cerro, lagoa ou rio; os cantos dos pássaros são mensagens e conselhos; os animais escutam, olham, aprovam ou desaprovam os actos de cada pessoa.

Os Pais da água, as plantas, os peixes e cada uma das espécies da Serra Nevada habitam um lugar diferente, cada uma tem o seu próprio *Unguma*, que espera os Wiwa quando estes vêm realizar o pagamento. Os Pais aceitam tributo e deixam sair filhos e filhas para que a abundância seja permanente. Os Pais também se aborrecem quando se comete um erro contra um irmão; dão conselhos, mas se não são escutados enviam malefícios. A ecologia espiritual é a essência da ecologia social, aqui onde o Mito ainda lateja.

Em cada *Unguma* os Pais observam como o Wiwa convive com a natureza. Quando vêem queimas, abates de árvores, mortes desnecessárias de animais, poluição

de rios ou fontes, eles não gostam. Como diz o Professor Antonio Malo: "Fecham-se as portas e então há grande escassez." (Cherúa, 1996)

O equilíbrio ecológico da Serra Nevada de Santa Marta depende dos sítios sagrados e consolida-se com as cerimónias de pagamento efectuadas pelas comunidades indígenas. Estas cerimónias devem ser realizadas pelos quatro povos que habitam a Serra. O pagamento cumpre uma importante missão na manutenção do equilíbrio ecológico, sendo que esta estratégia cultural é um contributo que a Ecologia social deve incorporar no seu discurso.

O território compreendido pelos limites marcados pela Linha Negra é o fundamento do equilíbrio material e espiritual do povo Wiwa e dos demais povos que receberam em herança dos Pais de Origem esse território. Todavia, devido à imensa pressão dos colonos, tais territórios estão hoje nas mãos do *sintalu*, o homem branco. Os indígenas da região foram-se afastando, procurando segurança e refúgio nas zonas altas da Serra Nevada, cujas difíceis condições de vida afasta o fantasma da colonização.

Quando os autóctones perderam os seus territórios tradicionais os Pais que guardavam o equilíbrio da Serra Nevada ficaram sem o seu habitat ancestral. Desse modo, o equilíbrio do dia a dia destes povos foi desaparecendo. As *Ungumas*, espaço de vida e mito, construído para e por estas culturas, mantido durante séculos, já não tem mais possibilidade de regeneração. Os seres da mitologia Wiwa estão a morrer e com eles também os Wiwa.

Os Mamos já não podem fazer pagamentos em "Seamuke" nem em "Ju'Kuluba" onde vivem os pais das doenças. "Durante os últimos três anos (1995) morreram mais de trinta e cinco indígenas nas regiões de Sinka, Mamarongo e Rio Branco; todas as epidemias puderam ser controladas a tempo, mas a negligência da administração municipal pôde mais que a vida destas pessoas." (Fajardo Sanchez, 1995).

A Ugeka, onde habita o "pai da guerra", as comunidades não voltaram a fazer pagamentos. As consequências são óbvias: dezenas de indígenas assassinados pelo exército, a guerrilha e os paramilitares. *Ka'aka* anda à solta. Deste modo, ponto por ponto a "Linha Negra" consigna nos seus cerros, lagoas e rios uma declaração dos Direitos que devem ser reconhecidos.

Os seres míticos são na realidade personagens históricas que influíram no devir destes povos. O espiritual torna-se real, vivo, palpitante. Destarte, não se concebe que estes seres primordiais ou deidades superiores continuem a viver nestes lugares se os seus povos, aqueles que os re-criaram, não vivem já neles. Os pais originários ficaram sós, rodeados de estradas alcatroadas, contruções e antenas. Os pais originários vão morrendo em soledade e com eles chega a morte à gente Wiwa.

Em conclusão a Ecologia Social deve ampliar o seu discurso, abarcando outras racionalidades que como o povo Wiwa desenvolveram na sua História uma estratégia integral e solidária alimentada pelo Mito. O capitalismo só poderá ser vencido se sairmos do campo para onde ele nos pretendeu levar, ali onde a razão é o lucro e a injustiça. De qualquer modo, os seus argumentos tão ardentemente defendidos por todos os sacerdotes dos Estados nada podem contra a magia e o Mito. Acompanhem os U'wa e os Wiwa no seu caminho para combater e derrotar a Morte.

Luis Alfonso Fajardo S.

Fundación Maestros Itinerantes.

(tradução de António Cândido Franco)